

O AMIGO DO POVO



Jornal anarquista e sindicalista revolucionário

Preço: R\$1,00

ANO I Nº 3 oamigodopovo@inventati.org www.oamigodopovo.noblogs.org Brasil central, Set/Out/Nov. de 2022

Editorial

QUE AS LUTAS POPULARES SUBSTITUAM A FARSA DAS URNAS!

Antônio Galego

No dia 24 de junho a PM reprimiu em Mato Grosso do Sul a retomada Guapo'y Mirin Tujuri dos Guarani Kaiowá, deixando dezenas de feridos e mortos. No Rio de Janeiro as chacinas da polícia seguem aterrorizando o povo, em 2021 no Jacarezinho (28 mortes), em maio desse ano na Vila Cruzeiro (25 mortos) e no último 22 de julho no Complexo do Alemão (19 mortos). Em 5 de junho os ativistas Bruno Pereira e Dom Phillips foram assassinados e esquartejados na Amazônia, e, verdade seja dita, resistiram heroicamente de arma em punho. Vivemos uma guerra de classes, é preciso assumir isso. É uma condição para uma prática transformadora num país como o nosso. E essa guerra não é particularidade do governo atual e não terminará em outubro.

Contrastando com essa realidade, temos as movimentações políticas dos partidos para as eleições. Bolsonaro tenta recuperar a populari-

dade frente a um governo que teve como política desde o início o benefício dos banqueiros e latifundiários, que aumentou a precarização do trabalho, a concentração de terras, a fome, as reformas neoliberais. Por outro lado, o candidato opositor, Lula, deixou muito claro no dia 9 de agosto na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) o caráter burguês e neoliberal de um futuro governo "lulista", assim como deixou clara a sua avaliação "positiva" da história do PT (conciliação de classes, privatizações, impulso ao agrogonégio, etc.).

Nas eleições os candidatos dançam e se exibem para os ricos querendo se mostrar os mais eficientes no desenvolvimento do sistema, ao mesmo tempo precisam mentir aos pobres prometendo melhorias sociais. É a velha "corda bamba" oportunista da democracia burguesa, muito útil para aparentar uma consciência democrática, inclusiva, e fazer o pobre lascado colaborar com sua própria desgraça. No dia seguinte das eleições o trabalhador volta pra sua vida de exploração e de privações e o rico volta a mandar na economia e na política nacional.

De acordo com as pesquisas eleitorais a chapa Lula-Alckmin é a mais provável à vitória. Isso tem sido comemorado por setores de esquerda como um "bom momento da esquerda" (veja notas do MST, do PT, até mesmo os ecletistas da CAB), puro oportunismo. Todo esse discurso tem servido para esconder o fundo do poço que a esquerda eleitoreira está, e evitar as críticas à chapa favorita da burguesia em nome

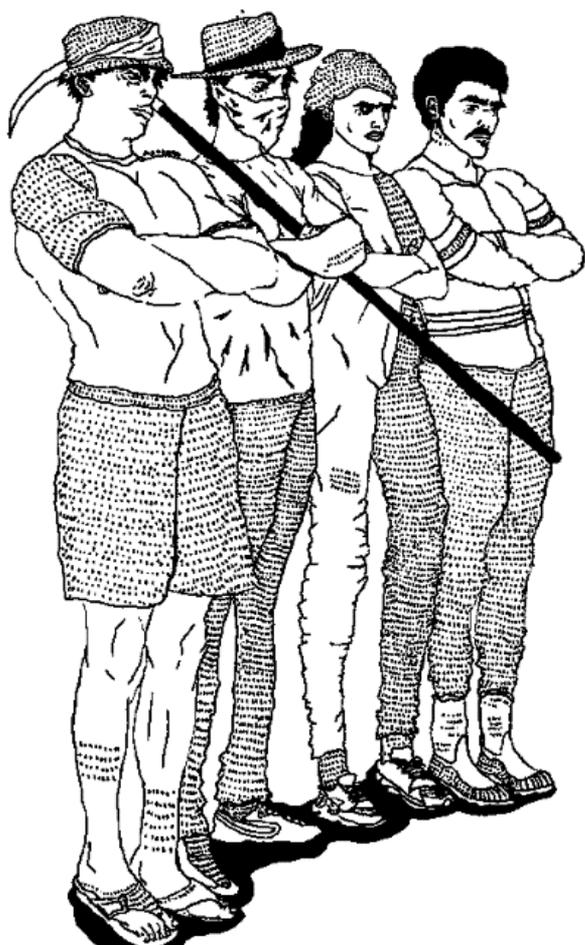
do "combate ao bolsonarismo".

Para os trabalhadores revolucionários não existe carta branca, nem dúvida: É sobre os favoritos na gerência do Estado burguês que deve pesar a maior pressão da crítica popular. Fazer o contrário, evitar as críticas a um futuro governo Lula-Alckmin, é desarmar política e ideologicamente as massas populares para as lutas que virão em 2023, enfim, é capitular ao reformismo burguês e seus interesses nefastos de gestão do sistema capitalista.

Sobre o resultado eleitoral, a direita tem menos a perder que a esquerda. A esquerda tem apostado todas as fichas na volta ao poder com Lula e na defesa do "estado democrático", que a fez evitar todas as lutas e greves de massas durante o governo Bolsonaro. Já a direita tem sistematicamente colocado em dúvida o sistema eleitoral, preparando um engajamento como oposição. Por outro lado, tanto internamente quanto internacionalmente os limites para a barganha no sistema capitalista é mínimo. A guerra na Ucrânia, por exemplo, gera uma pressão energética imperialista dos EUA-UE ainda maior sobre Brasil e Venezuela, etc.

Assim, em relação ao resultado eleitoral: 1) no caso de vitória do Lulismo, esse terá que gerenciar um governo com muito menos margem de manobra para cooptação das massas, a maior tendência é, além de não revogar as medidas neoliberais e anti-povo, dar continuidade a política macroeconômica e repressiva atual; 2) No caso da vitória do Bolsonarismo, a derrota política do maior líder da história recente da esquerda (Lula) geraria uma crise sem precedentes na esquerda, com tendências a rupturas à direita e à esquerda no bloco reformista (como já tem ocorrido antes mesmo com Freixo, Aldo Rebelo, Flávio Dino, etc.).

A reorganização da classe trabalhadora com independência de classe frente as disputas burguesas é a única saída para avançar nas lutas populares. Para os anarquistas a ação de boicote das eleições é parte da estratégia de separar política e ideologicamente a classe proletária da classe burguesa. Essa é uma pré-condição para a constituição das massas proletárias como força revolucionária. Por isso, diferente dos reformistas marxistas e "libertários", falamos abertamente ao povo: se as urnas têm substituído as lutas, não há dúvida, as lutas populares devem substituir a farsa das urnas e impulsionar uma nossa etapa histórica de vitórias para nossa classe! ■



NÃO VOTE, ORGANIZE-SE E LUTE! SÓ O POVO SALVA O POVO!

A LUTA POR MORADIA NO DF E A CRIMINALIZAÇÃO DO MRP

Aurora

Em Brasília uma coisa é fato, o direito à moradia não significa nada frente à especulação imobiliária protagonizada pelos empresários, políticos e o próprio Estado (via Terracap).

A aprovação do PL 4188/2021 de Bolsonaro que autoriza a penhora do único imóvel de uma família pelos bancos só tende a piorar ainda mais o acesso a moradia na Capital (e claro no resto do país).

O Estado além de acumulador é também um fiel escudeiro da burguesia imobiliária. Não importa se o governo é de esquerda, centro ou direita ele estará lá para impedir ocupações, expulsar a população marginalizada e criminalizar os que luta.

O maior exemplo da injustiça contra os que lutam por moradia no DF é a criminalização do Movimento de Resistência Popular (MRP). Desde que ocuparam o hotel abandonado Torre Palace, em 2015 as lideranças do movimento sofrem com acusações falaciosas que vão

desde extorsão das famílias (negada em diversos depoimentos pela próprias famílias) e associação criminosa. Isso tudo iniciado sob a gestão de Rollember (PSB)!

Sabemos que a intensão da justiça e do

concretas. Apenas o depoimento de um policial infiltrado coaduna com as acusações perpetradas contra o movimento.

Foi-se o tempo que a esquerda tinha ética e não corroborava com as falácias da justiça burguesa. Em um claro revanchismo contra o movimento (que nasceu de um racha combativo e anti-eleitoreiro do MTST de Boulos) setores do PSOL e o MTST reverberaram os discursos reacionários do Estado. Ao contrário deles, a CSP-Conlutas e o SIGA/FOB se mantém apoiando os lutadores e lutadoras do MRP pois sabem o valor de cada um dos militantes do movimento, autênticos lutadores pelo direito à moradia popular.

Por mais difícil que seja mobilizar com todas as restrições impostas pela justiça, o MRP segue atuando, lutando pelo auxílio aluguel para as famílias sem-teto, organizando campanhas de solidariedade para as famílias durante a pandemia, organizando atos. Por isso consideramos essencial difundir as lutas dos e das camaradas do MRP. ■



Foto: Resistência das famílias sem-teto do MRP contra reintegração de posse. Setembro de 2015.

governo é prender as lideranças e principalmente desmantelar o movimento que era o mais combativo e independente movimento por moradia no DF. Os julgamentos são uma piada, a justiça não conta com provas

PELO FIM DA PERSEGUIÇÃO POLÍTICA AO MRP E SUAS LIDERANÇAS!

Internacional

Aniversário de 10 anos da Revolução em Rojava

Antônio Galego

No dia 19 de julho de 2012 a gloriosa Revolução em Rojava teve início. Rojava é uma região localizada no Norte e Leste da Síria, reivindicada pelos movimentos revolucionários do povo curdo como parte do Curdistão. O Curdistão é um território ancestral dos povos curdos hoje dominado pelos Estados da Turquia, Iraque, Irã e Síria.

Bem antes da estourar a revolução em 2012, os curdos da Síria já desenvolviam uma atuação revolucionária junto as massas populares da região. A ideologia que guia a luta em Rojava é o Confederalismo Democrático, que traz uma solução democrática para a realidade multiétnica e multireligiosa do Oriente Médio, com base na democracia popular, na libertação das mulheres e na ecologia, assim como na negação do Estado e do Capital.

Rojava é ameaçado pelos interesses de diferentes forças políticas e econômicas (regionais e internacionais) que almejam o controle desse território. Logo após a Revolução em Rojava, um grande sacrifício foi realizado para derrotar o Estado Islâmico. Hoje a Turquia ameaça oficialmente uma invasão de grande escala em Rojava, de profundidade de 30 km ao longo de toda fronteira, seguindo a ocupação colonial de cidades importantes como Afrin (2018).

Hoje, a revolução em Rojava tem enfrentado uma guerra de baixa intensidade, com uma variedade de táticas que incluem execuções extrajudiciais, apoio e o uso de grupos proxy, corte do suprimento de água e eletricidade, mudança demográfica e a



guerra psicológica. Um exemplo são os 56 ataques com drones por parte da Turquia realizados desde o início de 2022 e que causaram a morte de 27 pessoas e feriram outras 74.

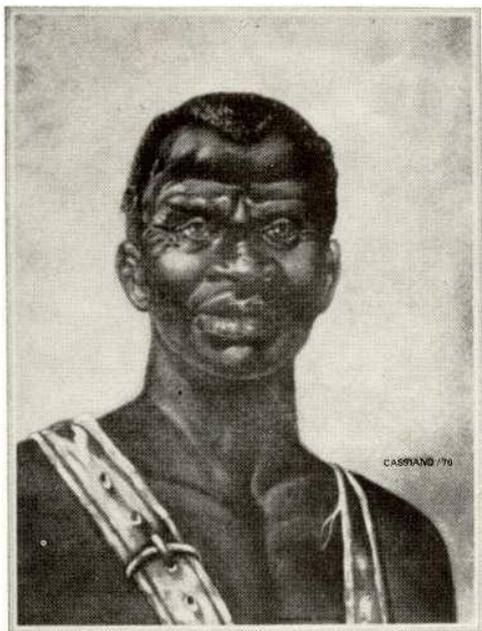
Saudamos e festejamos, desde o Brasil central, o aniversário de 10 anos da revolução social em Rojava! Reforçamos a nossa solidariedade classista e internacionalista à incansável luta do povo curdo, e convocamos os trabalhadores brasileiros a se informarem e se engajarem nas campanhas internacionais de solidariedade a essa importante experiência de construção de uma nova sociedade. ■

Viva Zumbi dos Palmares! Herói revolucionário das massas populares!

Érico e Antônio Galego

O dia 20 de novembro é um dia para lembrar as insurgências, rebeliões, sabotagens, greves e a organização do povo preto, e tem como referência o dia da execução de Zumbi dos Palmares, último líder do Quilombo dos Palmares. Localizado na região da Serra da Barriga, (à época pertencente aos limites da Capitania de Pernambuco, e hoje território de Alagoas) estima-se que esse quilombo possuía cerca de 20 a 30 mil pessoas entre pretos, indígenas, mestiços e mesmo brancos pobres ou perseguidos, e se manteve em resistência durante 100 anos (supõe-se que de 1600 a 1710).

Esse espaço de organização de homens e mulheres livres, quilombolas, abrigava fugitivos e rebeldes que não se sujeitavam ao sistema escravista. Surgiu durante o período colonial, organizando-se para a resistência e enfrentamento do povo preto



africano em contraposição ao sistema escravista imperial e supremacista dos portugueses e de demais países europeus. A forma de organização dos quilombolas contrapunha-se ao sistema de superexploração do trabalho através do trabalho coletivo na produção agrícola e na autodefesa de seus territórios.

Quilombos: A insurgência do Trabalho contra o Estado e os Proprietários

A ascensão de Zumbi no Quilombo dos Palmares é marcada pela vitória deste contra o líder Ganga Zumba. Este último havia aceitado um “acordo de paz” com o governador de Pernambuco por volta de 1678. O acordo prometia a liberdade dos escravos com a condição da submissão do quilombo ao sistema colonial. Zumbi liderou a resistência à linha colaboracionista

de Ganga Zumba, se tornando o novo líder insurgente do Quilombo dos Palmares. É com essa coerência e firmeza revolucionária, da luta anticolonial pela liberdade e pela terra, que Zumbi irá entrar pra história como grande herói e mártir de todos os povos trabalhadores e da revolução social no Brasil.

Mas Zumbi, ainda que tenha sido o mais conhecido, não foi o único. Pelo contrário. Aonde o sistema escravista-colonial avançou com seus tentáculos de exploração do trabalho e opressão racista, houve resistência e os quilombos se tornaram a

além de um sentido econômico, um sentido político de contrainsurgência, impedindo a união dos explorados em movimentos de massas antirracistas e multiétnicos contra o sistema (como foram os quilombos). Uma série de estruturas e ideologias reforçam essa divisão: o corporativismo sindical; o duplo mercado de trabalho, com categorias integradas e estáveis e outras marginais e superexploradas; o eleitoralismo e o elitismo da esquerda; a política identitária que desloca a radicalidade ao discurso/cultura, oscilando de ideias de “guerra racial” às “políticas inclusão”; dentre outros.

Para os revolucionários as reivindicações econômicas e políticas do povo negro devem ser assumidas por toda a classe trabalhadora e suas organizações, com vistas a construir a aliança multiétnica e insurgente de massas contra o capitalismo. Devemos retomar o caráter classista e antissistema dos



Imagens: Zumbi dos Palmares e Greve autônoma dos garçons do Rio de Janeiro em 2014.

manifestação mais consciente, organizada e bem-sucedida dessa resistência dos Trabalhadores escravizados contra seus inimigos de classe: os senhores proprietários e as autoridades da Coroa Portuguesa. Assim, quando falamos de Quilombo falamos de luta de classes, do Trabalho contra o Estado-Propriedade, com a liderança e predominância de trabalhadores e revolucionários pretos, mas que reuniu atrás de si várias outras frações étnicas de trabalhadores e oprimidos pelo sistema.

A luta dos povos negros e emancipação da classe trabalhadora

Atualmente, tanto no campo ou na cidade o sistema capitalista se apoia no racismo para oprimir e superexplorar a classe trabalhadora. O racismo possui,

Quilombos para fortalecer a luta do povo negro contra a exploração do trabalho, contra a concentração de terras e a violência policial. O método central segue sendo o da ação direta: greves, sabotagens, atentados, autodefesa, ocupações de terras e moradias. A auto-organização classista do povo negro deverá romper com a burocratização e o corporativismo sindical que auxilia a perpetuação da divisão racista no mercado de trabalho. A luta dos garçons no Rio de Janeiro, dos entregadores de aplicativo, as ocupações de sem-terra e de sem-teto, as greves de terceirizados, a luta nas favelas, são exemplos do grande potencial combativo e estratégico dos trabalhadores negros para a revolução social no Brasil. Ontem e hoje, Zumbi segue iluminando o caminho da luta das massas populares até a vitória final da Liberdade. ■

SEM CONCILIAÇÃO COM A CASA GRANDE! UNIR GREVES E LUTAS CONTRA O GENOCÍDIO E A EXPLORAÇÃO RACISTA!

MASSACRE DE GUAPO'Y: A RESISTÊNCIA ANCESTRAL GUARANI KAIOWÁ ESCANCARA A FARSA ELEITORAL

Anarquistas em Dourados

No dia 24 de junho de 2022, após retomada de terra ancestral dos Guarani Kaiowá conhecida como Guapo'y Mirin Tujury, na proximidade da Reserva Indígena de Amambai, Mato Grosso do Sul, a Polícia Militar realiza despejo ilegal contra os indígenas provocando o que ficou conhecido como Massacre de Guapo'y. Na ocasião, o Batalhão de Choque da PM do MS deixa dezenas de feridos/as, inclusive crianças - entre elas, um menino de 12 anos com exposição de suas vísceras após tiro de fuzil de um helicóptero. Além dos feridos, Vitor Fernandes Kaiowá, de 42 anos, foi assassinado brutalmente com dois tiros de fuzil.

O Massacre, aplaudido pelo nazista Antonio Carlos Videira, secretário de segurança pública do MS, foi também consequência da ocupação criminosa das terras indígenas por latifundiários, em específico Waldir Candido Torelli, proprietário da fazenda ocupada - e inúmeras outras terras, que juntas somam mais hectares do que toda a Reserva de Amambai - e ligado a grandes redes de exportação e acumulação capitalista internacionalmente - a empresa Marfrig e exportação de grãos como soja e milho transgênico para países da Europa, Ásia e EUA são exemplos. Poucos dias após o Massacre, Márcio Moreira, guerreiro Kaiowá da mesma retomada foi assassinado em uma emboscada.

Ao mesmo tempo, ocorre a retomada de Kurupi, no município de Naviraí, também atacada pela Polícia Militar. A comunidade foi alvejada por semanas por pistoleiros e fazendeiros. Os Guarani Kaiowá, desde o início de 2022 vem realizando diversos avanços de retomadas, a exemplo de Laranjeira Nhanderu, em março, despejada ilegalmente; da vitoriosa retomada de Jopara, em Taquaperi, noticiada neste jornal após assassinato do companheiro Alex Lopes; a retomada de Guapo'y Mirin Tujury e a retomada de Kurupi. No caso de Guapo'y, os Guarani Kaiowá organizam no dia 28 de junho uma marcha fúnebre em direção à fazenda que haviam ocupado, retomando novamente a área e expulsando os seguranças privados com uma

ofensiva massiva de mais de 2000 pessoas, que carregaram o caixão de Vitor Fernandes aos gritos de "Retomada!" e mostraram aos carrascos do Estado colonial a força coletiva capaz de derrubar os novos bandeirantes e senhores do engenho com a flechada certa da luta popular.

Enquanto isso, políticos e patrões, serviçais do imperialismo e donos dos latifúndios que rasgam as terras do MS, preparam suas candidaturas para as eleições de 2022, apoiados e financiados pelos financiadores do massacre. Entre os candidatos para o governo do estado no MS, estão por exemplo Eduardo Riedel (PSDB) e André Puccinelli (MDB), assim como Tereza Cristina (DEM) para o senado, todos donos de inúmeras fazendas na região e figuram como principais articuladores do leilão da resistência em 2013, quando os sindicatos rurais e latifundiários do estado se juntaram para leiloar bois para comprar armas e contratar seguranças privados para assassinar indígenas. Outros candidatos, como Nelsinho Trad, estão vinculados à gigantescos esquemas de corrupção envolvendo a JBS. Ainda, Capitão Contar (PRTB) surge representando o segmento militar e Giselle Marques (PT) o velho desenvolvimentismo de seu mandatário Vander Loubet (PT), defensores da Nova Ferroeste e da Rota Bioceânica, grandes projetos de infraestrutura que afetarão diretamente territórios Guarani Kaiowá e dos outros 9 povos indígenas do MS, assim como terras quilombolas e assentamentos.

Nessa eleição, os candidatos partilham sangue em suas mãos e a união de interesses comuns: governar para as elites latifundiárias deste país. Dos governos estaduais ao governo federal, conclamamos ao povo que NÃO VOTE, e se organize para construir a grande re-

belião que irá derrubar os gestores do Estado colonial e capitalista. A conivência dos candidatos com o Massacre de Guapo'y deve ser denunciada, na medida em que todos eles atuam para enriquecer os bolsos dos financiadores do massacre. ■

***Nem perdão, nem esquecimento!
Abaixo a farsa eleitoral, e viva a
obstinada resistência indígena pela
retomada de seus territórios ancestrais!
Morte ao latifúndio!***



Marcha Guarani Kaiowá (28/06). Fotos de Iara Cardoso.

Em memória de Yuri, amigo e militante anarquista de Jataí (GO)

Por L.H.

Yuri Oliveira foi um jovem jataiense, como muitos da classe trabalhadora, acometido pela depressão, que em novembro de 2019 nos deixou.

Falar sobre alguém que já se foi sempre é difícil, falar sobre um amigo, filho, irmão, estudante, trabalhador e lutador social é uma tarefa ainda mais difícil.

Yuri pode ser descrito como uma pessoa edificante, no sentido de nos construir como pessoas melhores e de construir espaços para uma sociedade melhor. A cada reu-



nião ele se mostrava mais radicalizado, a cada leitura teorica mais afiada, a cada conversa uma amizade mais sólida. Nos locais de luta sempre trazia apontamentos fundamentais; em nossas conversas palavras de conforto e ajuda. Muito generoso, não suportava injustiças, gostava de andar de bicicleta e era o maior fã de Belchior que já conheci. Um jovem, comum, mas único e muito especial para aqueles que o rodeavam. ■

"Eu sou apenas um rapaz latino-americano Sem dinheiro no banco, sem parentes importantes E vindo do interior" Belchior.

Eleições em Goiás: a hegemonia conservadora e o descontentamento popular

Jiren D.

As eleições para o governo de Goiás vão ter 9 candidaturas entre partidos de direita e de esquerda, todos em busca de garantir a exploração através do Estado burguês. As pesquisas apontam reeleição, no primeiro turno, do conservador Ronaldo Caiado (União Brasil), ficando à frente do também direitista, Gustavo Mendanha (Patriota), com 24,9%. O total das intenções de voto nos partidos intitulados de esquerda (PT, PSOL, PCB, e UP) não chegou aos 5%. Outro dado é que mesmo com a polarização ideológica e investimentos publicitários do TSE incentivando o voto, 11% dos eleitores declaram que irão se abster, o que ultrapassa a somatória de outros seis partidos, de direita e esquerda, que estão na corrida eleitoral.

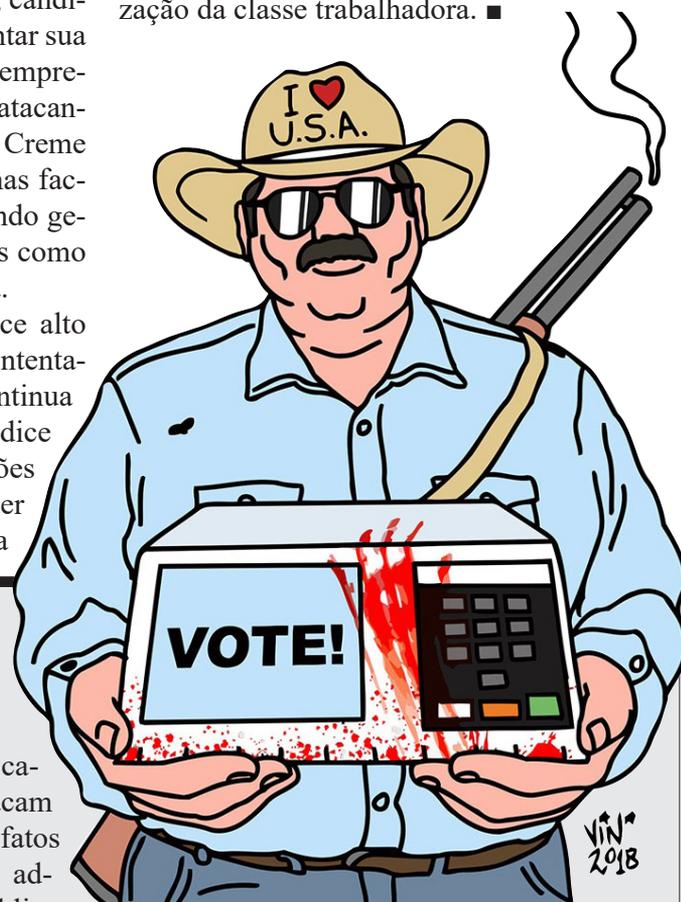
Se as projeções se confirmarem, a vitória do bolsonarista Caiado no primeiro turno, representa a manutenção no poder do representante das oligarquias rurais e lideranças

religiosas (principalmente evangélicos) que tem grande força política em Goiás devido ao clientelismo eleitoral, Caiado se mantendo ileso mesmo sofrendo resistência por parte da pequena-burguesia rural bolsonarista insatisfeita com sua posição “recuada” na defesa das aventuras de Bolsonaro. Já Mendanha, candidato também Bolsonarista, tenta sustentar sua candidatura com o apoio de parte do empresariado como a FIEG, principalmente atacando o fechamento de indústrias como a Creme Mel durante o governo Caiado, algumas facções de igrejas evangélicas e prometendo gerar o aumento de empresas de serviços como fez na gestão de Aparecida de Goiânia.

Por último, a persistência do índice alto de abstenções demonstra que o descontentamento com a democracia burguesa continua grande e deve ser explorado. O alto índice de abstenção, ultrapassando as intenções de voto na esquerda, também deve ser lido como um indicativo da ausência

de trabalho político junto às massas por parte dos reformistas que se fecham em nichos de pouca representatividade junto com o povo, como a Educação Federal e setores indutórios.

Aos anarquistas revolucionários só resta sair também do isolamento através da resistência organizada indo ao povo, em cada local de trabalho, estudo e moradia, formando agrupamentos classistas, combativas e independentes de patrões, governos e partidos eleitorais num projeto a longo prazo de reorganização da classe trabalhadora. ■



Eleições no DF: dos ricos aos inexpressivos

Érico

A fé no voto esse ano vem inflamada com a polarização a nível nacional, na disputa entre Lula e Bolsonaro. Muitos estão votando com fé no menos pior, o voto desesperado, clamando por algum milagre que supostamente as eleições burguesas poderiam operar. No Distrito Federal, o cenário de desesperança é, também, semelhante.

O atual governador do DF tenta a reeleição sustentando a fala sobre as inúmeras obras que ele realiza durante o governo, e crê que melhorará os inúmeros problemas urbanos alargando vias e construindo viadutos. Tão concreto foi o desastre de sua gestão no âmbito da saúde, que durante a pandemia, num primeiro momento se destacou entre os governadores que primeiro “reagiram” à covid-19, e um tempo depois foi símbolo da incompetência em prover testes, leitos nas enfermarias e UTIs para os que sofriam com a pandemia. Além disso, sua gestão foi marcada pelos casos de corrupção (superfaturamento, negociatas e organização criminosa) envolvendo a Secretaria de Saúde no auge da pandemia de Covid-19. Nesse mesmo período, foram registrados ainda o crescimento da população em situação de rua no DF, e o desamparo às famílias pobres que sofrem com o desemprego, e com a desastrosa política de assistência social.

No governo Ibaneis, só quem se deu bem foram os ricos (e na democracia burguesa, é essa lógica sempre)! Enquanto os trabalhadores pobres morriam e sofriam durante a pandemia, o mercado da construção civil crescia e enriquecia os grandes empresários do ramo no DF. Falando nisso, o candidato Paulo Octávio faz parte dessa elite de empresários brasileiros, e já esteve no GDF enquanto ex-governador de Arruda, e por 12 dias foi governador. Ele e Arruda renunciaram após o escandaloso mensalão que desviou cerca de 110 milhões de reais em verbas públicas. Na atual disputa, Paulo Octávio é o candidato mais rico: declarou um patrimônio de 618 milhões de reais. Em seus discursos, o candidato sempre fala em migalhas para o povo.

Esses dois casos se destacam tanto por seus fatos chocantes na administração pública

quanto pela absurda desigualdade e descolamento com a realidade do povo trabalhador no Distrito Federal. Mas também por um segundo fator: a inexpressividade dos partidos de esquerda na disputa.

Mesmo apoiado por Lula (que perde no DF para Bolsonaro), na federação PT-PV-PCdoB o progressista Leandro Grass (PV) é o terceiro colocado na corrida eleitoral. Recentemente, Rafael Parente (PSB) abriu mão da candidatura em apoio a Grass. Keka Bagno, apesar da eloquência nos debates, está atrás ainda de Leila do Vôlei (PDT). Esses candidatos são pouco conhecidos pela população do DF, e mesmo que apresentem a boa intenção de seus projetos, estão distantes do diálogo e da construção com o povo.

É óbvio que esses candidatos progressistas acreditam que podem vencer e melhorar a situação do povo brasileiro através de suas conquistas eleitorais. Conquistas essas que são muito influenciadas pelas alianças que os permitem avançar na campanha, e em algumas pautas, mas consequentemente retroceder, negociar e ceder a outras tão ou mais importantes para a população pobre e trabalhadora no DF. Tanta energia, recurso e trabalho são desperdiçados na disputa do sistema político, que é excludente, e que prioriza as elites políticas e econômicas.

As conquistas de nossos direitos nunca vieram através das articulações eleitorais e negociações com a elite política, nem a fé na eleição de um candidato mais, ou menos progressista. A ação direta dos povos na sua auto-organização, na combatividade e na construção da luta concreta pelos direitos, esses sim, foram os caminhos para alcançar melhores condições de vida, trabalho, direito à moradia e à cidade. Mesmo se eleitos os progressistas, quais dos nossos direitos negociarão com a elite política e burguesa? ■

A COTA DE GÊNERO NAS ELEIÇÕES:

A lei muda a realidade ou a realidade muda a lei?

Aurora

As cotas de gênero, criadas em 1997 para supostamente diminuir as disparidades entre homens e mulheres nos cargos de poder e estimular a participação das mulheres na política, são uma falsa solução. Elas não passam de um arremedo, endossado tanto pela direita quanto pela esquerda institucional, para tentar dar mais um fôlego ao falido sistema eleitoral.

O resultado disso é que, ao invés de efetivamente termos “+mulheres na política” (1) o que vemos são maracutaias de todo tipo que os partidos (em especial os de direita) fazem para atender à exigência dos 30% de candidaturas femininas. Chovem candidaturas laranjas e, enquanto os partidos fingem incluir as mulheres, o TSE finge que vai punir tal prática (2).

Do outro lado, ao invés da esquerda que se diz socialista (sic!) destinar seus esforços para incentivar o protagonismo das mulheres nas instâncias da classe trabalhadora, valorizar e impulsionar as lutas protagonizadas por mulheres periféricas, com objetivo de fortalecer os movimentos, investem uma enorme energia para torna-las candidatas, para que virem só mais um pedaço do quebra-cabeça da farsa eleitoral.

Aqueles que vem nas cotas uma solução temos que alertá-los para não serem inocentes. Vencer o sistema capitalista patriarcal não perpassa por legitimar e compor as suas próprias estruturas. Além disso, não sejamos idealistas: não é a lei que muda a realidade, é a realidade (a luta de classes) que pode mudar a lei! ■

(1) Lema da campanha de 2022 da Justiça eleitoral.

(2) O Ministro Alexandre de Moraes após burburinhos sobre candidaturas laranja de mulheres em 2022 ameaçou impugnar chapas inteiras, o que sabemos que dificilmente ocorrerá.



Política anarquista

ANDANDO EM CÍRCULOS: OS DILEMAS DO IMEDIATISMO E O ULTRA-REVOLUCIONARISMO NA MILITÂNCIA REVOLUCIONARIA

Jiren D.

Vivemos tempos de conjuntura difícil para a luta dos trabalhadores, a pandemia piorou as condições econômicas e também a capacidade organizativa dos trabalhadores, junto com aumento da repressão, do estado de exceção, da cooptação dos movimentos sociais, nos coloca numa situação delicada para a militância revolucionária no Brasil.

Além do mais, a militância revolucionária vive um dilema: existem grupos e organizações que tem atuações mais massificadas que ficam presos no nível de programa mais imediatista e economicista (resolvendo problemas imediatos dos trabalhadores, como salários, direitos básicos e auxílios), mas tem uma dificuldade de avançar num horizonte mais revolucionário o que pode dar margem para militância assistencialista e reformista e, por outro lado, tem grupos com atuações com perfil mais de minoria-ativa, principalmente no movimento estudantil e na educação, que ficam “engessados” num “revolucionarismo auto proclamatório”, porém abstrato e teórico e longe da realidade, se afastando da luta de massa.

Diante desse dilema, cabe aos anarquistas revolucionários refletir e teorizar para dar respostas e corrigir a linha, para ser possível construir uma linha revolucionária e de massas no Brasil, sem idealismos e sectarismo, levando uma harmonia do programa reivindicativo ao programa revolucionário.

Nos meios anarquistas e anti-estatistas, sempre houve debate sobre o problema do imediatismo, um dos produtos do ativismo, assim como sobre o problema do dogmatismo (ultra-revolucionário), fruto da militância sectária. Se no passado recente eram problemas de distintas formas de atuação, hoje ambos podem ser encontrados dentro das organizações políticas mais rígidas, quanto nas organizações mais frouxas. Atualmente o imediatismo pode ser visto na adesão espontaneísta, sem critérios, às dezenas de mobilizações convocadas pela esquerda reformista, o imediatismo abraça qualquer demanda imediata que aparente justa e perde de vista os objetivos a longo prazo. O dogmatismo ultra-revolucionário trabalha de maneira inversa, tem sempre na ordem do dia reafirmar seu objetivo final, a revolução, em qualquer pauta ou propaganda, por vezes subestima uma mobilização ou reivindicação por ser muito recuada, outras vezes superestima uma greve, ou um ciclo de manifestações de rua mais radicalizadas como even-

tos quase que revolucionários, onde acabam botando toda a energia.

O imediatismo é resultado da ausência de uma adequada leitura da realidade e da falta de caminho estratégico claro a percorrer, o que acaba levando ao voluntarismo, pois cai numa lógica ativista onde o trabalho político só ganha sentido quando se está “engajado” numa ação, seja ela qual for. O dogmatismo ultra-revolucionário resulta da ausência do trabalho político cotidiano junto às massas populares e acaba levando à abstração da realidade, mesmo quando há um esforço sério em analisar a realidade, pois na falta de inserção social real, passa-se a superestimar as prescrições teóricas, ignorando que estas receitas nem sempre cabem em nossa realidade, esta que está sempre em movimento. Em comum ambos têm a característica de permanente demarcação ideológica típica dos círculos juvenis e acadêmicos de origem pequeno-burguesa.

Imediatismo, dogmatismo, entre outros problemas, possuem várias origens, porém só se enraízam quando as agrupações não estão submetidas às imposições do trabalho cotidiano junto às massas. Não é necessário muito tempo operando junto à bases populares para entender que nem toda ação vale o gasto de energia, por mais justa que seja a sua causa, assim como é difícil manter e atrair militantes do povo somente falando de revolução ou da necessidade de radicalização. No cotidiano das massas, principalmente entre os setores marginalizados, não há tempo e nem energia para ser depositado em maratonas de atividades, assim como não há o mínimo interesse em saber quem é mais revolucionário, as massas valorizam trabalho pragmático, direito e concreto, ou seja, bem materialista.

A tarefa das agrupações anarquistas e anti-estatistas deve ser ir trabalhar junto ao povo, aprender e se capacitar junto a ele, respeitando a sua experiência coletiva histórica, e através desse aprendizado extrair do seu interior as reivindicações que reforcem e enriqueçam nossos programas reivindicativo e revolucionário, para que possamos assim forjar estratégias eficientes a curto, médio e longo prazo. ■

O trabalho terceirizado nos serviços públicos no Distrito Federal

Érico

A terceirização do trabalho tem como ideia central a flexibilização dos modos de organização e gestão das atividades, com o objetivo de desonerar o processo produtivo, com foco na atividade ou serviço intermediário ou final da empresa e órgão contratante, promovendo ao máximo o lucro através da superexploração. A assiduidade, a imposição de metas e a maximização do tempo são palavras de ordem das empresas para pressionar os trabalhadores.

As características mais hostis dessa modalidade podem ser verificadas no aumento do desemprego, uma vez que há alta rotatividade dos empregados, o que ocasiona a criação de um “exército de trabalhadores” polivalentes (que atuam em diversas frentes) desempregados. A subcontratação, o decréscimo na quantidade de empregos formais com as empresas contratantes (chamadas tomadoras de serviço), além do enfraquecimento das relações coletivas dos trabalhadores devido a ampliação da competitividade e consequente individualismo são outros males que a terceirização ocasiona aos trabalhadores.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada e publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015, cerca de 18,9% da população brasileira foram empregadas por contratação intermediária, ou seja, através de uma terceira pessoa ou empresa contratante. Na região Centro-Oeste, 19,1% dos trabalhadores ativos correspondem a essa categoria. Dados mais recentes do Tribunal de Contas da União (TCU), mostram que na esfera Federal de governo há cerca de 80 mil trabalhadores terceirizados que prestam serviços nas empresas estatais, órgãos governamentais como ministérios e autarquias.

Brasília, capital federal, concentra a maior parte dos órgãos e autarquias do Governo Federal, além daqueles da administração distrital. A terceirização do trabalho está nas instituições de ensino, de saúde,

nas empresas públicas e privadas, geralmente com trabalhadores alocados aos serviços que não são os produtos finais daquela instituição, organização ou empresa. São trabalhadores contratados por uma terceira empresa para executar os serviços de atividades específicas, sendo elas responsáveis dos encargos trabalhistas. Geralmente, essas mesmas empresas não possuem condições financeiras necessárias para arcar com

rupção, assédio moral e desrespeitos diversos em relação aos direitos trabalhistas na relação das empresas contratadas a prestar serviços às instituições públicas. No Distrito Federal podemos citar alguns casos:

Em 2018, o deputado distrital José Gomes foi condenado após denúncias de coação eleitoral a 10 mil trabalhadoras e trabalhadores terceirizados da empresa Real JG. Na época a empresa era gerida por José Gomes, que passou a gestão à família quando assumiu a vaga da CLDF.

Além desses casos, trabalhadores terceirizados sofreram ainda com o desprezo por suas vidas, trabalho e família no auge da pandemia de Covid-19. As empresas RCA e Servitium que prestavam serviços para a Universidade de Brasília descumpriram direitos trabalhistas. Houve demissão em massa de funcionárias do grupo de risco, além de casos de assédio moral, e não pagamento dos encargos.

Ainda tratando de serviços prestados a instituições públicas, denúncias veiculadas por nós mostraram o descaso com as trabalhadoras da empresa BrBPO, que presta serviços de atendimento nos canais 100 e 180 para o Ministério da Mulher, Família e dos Direitos humanos (MMFDH).

E os casos se repetem: demissões recorrentes e arbitrárias, assédio moral e falta de isonomia remuneratória/discriminação geográfica em relação a trabalhadoras que realizam o mesmo trabalho na empresa em filiais distintas em Goiás e Distrito Federal.

São poucas as nossas páginas para registrar a imensidão de irregulares e abusos que essas empresas representam para o trabalhador. Há uma clara dificuldade para as trabalhadoras e trabalhadores em se organizar através dos sindicatos de suas categorias, uma vez que esses são facilmente manipulados por patrões e donos de empresas em acordo com os dirigentes sindicais. Nossa defesa, porém, é que a organização autônoma desses trabalhadores, e a construção da luta coletiva contra os abusos, precarização e insegurança, são os únicos caminhos para reverter a situação exaustiva e desumana praticada por essas empresas. A precarização do trabalho é um projeto não só dos empresários ricos, é, também, do Estado. ■



a responsabilidade dos direitos dos trabalhadores.

Em 2017 foi sancionada a Lei da Terceirização (13.429/17) que permitiu a terceirização em todos os níveis das atividades e serviços nas empresas públicas e privadas. É interessante notar que dos 296 deputados que votaram a favor da terceirização, 163 são empresários, e a maior concentração dos votos favoráveis estava nas mãos dos políticos-empresários que possuíam mais que 10 empresas.

E o envolvimento de empresários ou políticos em contratos com as instituições públicas é corriqueiro. Casos como o de Eliana Pedrosa e o sobrinho Eduardo Pedrosa, que já captaram 795 milhões de reais de dinheiro público ao longo de 15 anos, ou o de Robério Negreiros (dono da Brasfort) que já recebeu mais de 1 bilhão do GDF desde 2007 são exemplos desse sujo e sínico envolvimento.

Também não são raros os casos de cor-

ORGANIZAR A LUTA DO PROLETARIADO MARGINAL EM CADA LOCAL DE TRABALHO! NÃO AO CORPORATIVISMO SINDICAL!

Domingos



Foto:
Múmia Acauã encontrada em 1971 na Gruta do Gentio II - Unai MG, que só em 2021 teve as escavações retomadas.

Está em andamento o Projeto Arqueologia e História Indígena no Brasil Central (PHI-BRA), organizado por pesquisadores da USP, UnB e UFoPA. A iniciativa vem trazendo uma série de informações e materiais sobre o passado indígena na região central do Brasil.

A ação mais recente ocorreu em Unai – MG onde está sendo realizada a escavação na Gruta do Gentio II, sítio arqueológico onde foi encontrado o corpo de uma menina de 12 anos que viveu a cerca de 3.500 anos atrás (conhecida também por múmia Acauã). Além de dezenas de outros ossos humanos e de animais, cerâmicas e outros artefatos, a Gruta também está repleta de desenhos rupestres que datam de até 12 mil anos.

O projeto tem por objetivo realizar parcerias com as escolas públicas da região, em modelo de Sítio-Escola, visando trazer a

comunidade para construir e se apropriar do conhecimento, das técnicas e de sua história ancestral, assim como formar novos pesquisadores na área da arqueologia indígena e comunitária.

Tais projetos arqueológicos e especificamente da história indígena tendem a sofrer um grande obstáculo pela ação da burguesia rural que não quer que suas terras e seu direito de propriedade seja questionado pelas pesquisas, que demonstram que a ocupação dos povos indígenas na região é muito mais antiga do que se imagina.

O processo de colonização brasileiro foi baseado no roubo das terras dos povos ancestrais que habitavam essa região, a arqueologia indígena entra nesse sentido no contexto da luta pela terra dando legitimidade e apoio a luta atual dos povos indígenas, neste caso na região centro-oeste. ■

Memória estudantil

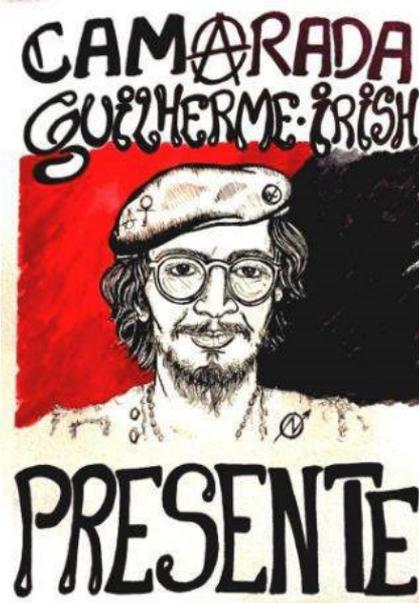
SEIS ANOS DO ASSASSINATO DE GUILHERME IRISH!

Jiren D.

Em 15 de novembro, completam-se 6 anos do assassinato do nosso camarada anarquista goiano Guilherme Irish, um dos primeiros casos de assassinato dessa nova onda de violência a militantes que se alastra pelo país nos últimos anos. Guilherme era estudante da UFG do curso de matemática, tinha apenas 20 anos e foi morto a tiros pelo próprio pai após uma discussão sobre sua militância na ocupação da Universidade Federal de Goiás em 2016 durante o Governo Temer.

Lembrar nossos companheiros e companheiras que tomaram na luta por dias melhores é uma das nossas mínimas obrigações.

Também é necessário além da memória construir alternativas de

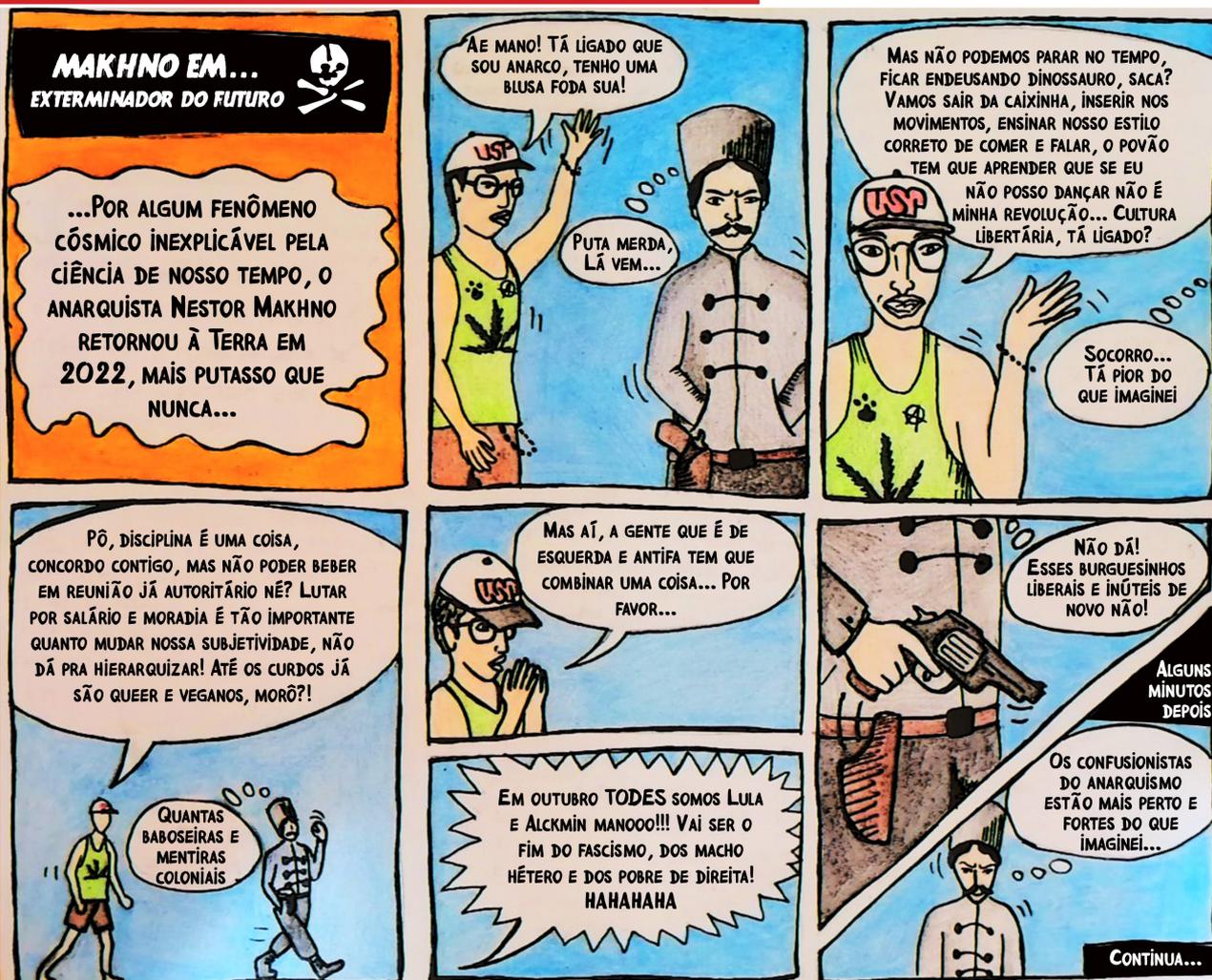


autodefesa para enfrentar a violência reacionária e estatal para garantir a sobrevivência dos nossos.

Por isso o lembramos, Guilherme. Você não será esquecido. Estará sempre presente e será sempre lembrado por aqueles que lutam por uma sociedade justa e igualitária. ■

NÃO ESQUECEMOS, NEM PEDOAMOS!

Quadrinhos e frases anti-revisionistas



Se não agruparmos nossas forças, nosso movimento estará condenado a sucumbir definitivamente sob a influência dos liberais e dos oportunistas que frequentam nosso meio: especuladores e aventureiros políticos que, na melhor das hipóteses, se dedicam a tagarelice e à intriga, incapazes que são de lutar pela realização de nossos grandiosos objetivos.

MAKHNO

ANTONIO GALEGO, 2022